



PRO-VIMARANGENSE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANGENSE."

Redação e Administração: R. Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSTRADA", R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

VIMOS há dias o projecto para o novo mercado.

E', realmente, uma obra encantadora que honra o seu autor, o reputado architecto sr. Marques da Silva.

Oxalá a Câmara dê realidade, o mais breve possível, àquele projecto, porque com isso muito teria a lucrar a cidade.

□ □ □

NÓS não queremos, positivamente, exigir dos nossos édís um esforço excessivo nem despesas que o cofre respectivo não comporte.

Mas que diabo! Já viram os srs. vereadores as frontarias dos prédios da cidade? Não viram ainda que alguns—arco iris de porcaria—nem se sabe de que cor são?

Uma penada, srs. vereadores, uma penada e obriguem os seus proprietários a lavar-lhes a cara.

□ □ □

CHEGA até ao nosso conhecimento que o caminho que liga a Madre de Deus à ponte de S. Lourenço começou a ser reparado e que, por motivos até hoje desconhecidos, as obras que ali andavam, pararam misteriosamente.

Aproxima-se a grande romaria de S. Torcato, que dá àquele caminho um trânsito desusado.

A sua boa conservação impõe-se, precisamente porque é uma artéria que, além de ser movimentadíssima nessa época de romaria, serve algumas povoações importantíssimas. Por isso lembramos à C. A. da Câmara para que olhe para esta obra que se reputa de urgente.

□ □ □

A má educação é uma arma perigosa numa terra que, como a nossa, se diz civilizada e progressiva. Assim, pois, contrafeitos e envergonhados de nós outros, presenciámos os gestos e as palavras amargas de quem nos visita.

Há dias, ali em baixo, no Oriental, um cavalheiro acompanhado de uma senhora e de uma menina, depois de lhes ser servido o almoço, abeirou-se de um empregado e perguntou onde era a sentina. Até aqui, muito bem.

O que não está certo, e que desonra gravemente os nossos pergaminhos, é a crítica que ouvimos, com razão, a respeito das obscenidades e traços imundos que se veem logo de entrada, e então, ao fechar da respectiva porta, é uma vergonha o que lá está!

Que as renetes são destinadas às necessidades do corpo, porque para isso é que foram feitas, é natural, porém que hajam bocas que vomitem as peores obscenidades para que toda a gente as veja, não pode ser, pois apesar de uma sentina ser um lugar... privado nunca deixou de ser de utilidade geral.

Que uma esponja higiénica faça o milagre de fazer desaparecer aquelas imundícies feitas por criaturas de alma podre e corpo pestilento, são os votos que fazemos para bom nome não só da terra, mas do próprio Café Oriental.

O MAGNO PROBLEMA

Continua sem solução o problema da colocação definitiva de uma unidade militar em Guimarães.

Apesar dos esforços empregados, nada se conseguiu até hoje.

Nós, no entanto, não desanimamos. Confiamos ainda. Temos a certeza que, se Sua Ex.^a o sr. Ministro da Guerra, fôsse convenientemente informado do que por aqui se passa, não deixaria de atender as justissimas reclamações do povo desta terra.

Sem querermos, nem por sombras, melindrar ninguém, não podemos conter êste desabafo: anda em toda esta questão grossa *caveira de burro*. Oh! se anda! E não nos afastaremos muito da verdade, se a procurarmos a umas duas dezenas de quilómetros de Guimarães.

E a coisa compreende-se. Os interesses que se feririam se para aqui voltasse o distrito de recrutamento e reserva. O ódio tôrpe e mesquinho, que essa cidade nos deita, não sabemos porque despeito ou inveja movido.

Atente-se, agora, na situação que alguns senhores militares crearam no último movimento às duas cidades, e digam-nos se andaremos muito longe da realidade dos factos.

Criaram-nos uma situação de indesejáveis. Para o governo, Guimarães é uma terra de autenticos bolchevistas, onde a ditadura militar não criou raízes.

Ora, é preciso que o Governo saiba que Guimarães é precisamente o contrário de tudo isso. E' preciso que o Governo despreze as calúnias, os falsos informes que criaturas apostadas em prejudicar esta terra, lhe vão levar. Informe-se, sim, mas em origens insuspeitas, ou venha mesmo até nós ver como se trabalha em Guimarães.

E, depois disto, repetimos, temos a certeza, que Sua Ex.^a o sr. Ministro da Guerra não deixaria de atender as justissimas reclamações do povo desta terra.

ARREPENDIMENTO...

*Que pensarás de mim? Nem faço ideia!
Como hi-de ser cruel teu julgamento!
Severo, injusto como o pensamento
Que se dirige a uma mulher que é feia!*

*Entendes que eu devia ser alheia
A' tua graça, ao teu encantamento,
Viver no mais perfeito isolamento,
Insensível ao belo que me enleia.*

*E porque pensas isto e mais talvez,
Querias arrepende-me, mas não vês
Que tenho tanto amor à minha cruz?*

*O meu peccado choro e tenho pena.
Mas só quizera ser a Madalena.
Se tu pudesses ser o meu Jesus!*

MARTA DE MESQUITA DA CAMARA LIMA.

DE «uma vimaranense maguada pela ausência dum ente querido» recebemos uma carta, lastimando-se, e pedindo-nos que verberemos o procedimento de alguns vimaranenses (?).

A esta carta—onde transparece claramente a máguia e a dor duma alma amargurada—não lhe podemos dar publicidade, assim como não podemos aceder ao pedido nela feito, pois que nunca o faríamos sem mexer na porca do insigne Bordalo.

□ □ □

O grande diário «O Século», que tantos e tam grandes serviços vem prestando ao país, agitou há dias, novamente, a questão dos telefones em Portugal.

Nós vamos mais uma vez referir-nos—para não esquecer—à questão dos telefones em Guimarães.

A Associação Comercial tem tratado êste assunto, bem o sabemos, mas não seria mau de todo avivar a memória do sr. Ministro do Comércio, que, com certeza, depois das muitas e variadas visitas que tem feito pelo país, já se esqueceu da *petição feita* pela Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

E como reputamos isto de toda a conveniência aqui deixamos o alvitre à Associação Comercial.

□ □ □

AINDA para tratar do magno problema do regimento, reunem na próxima segunda-feira, 4 de Abril, no edificio da Câmara Municipal, os individuos de mais representação no concelho de Guimarães.

Dessa reunião deve sair uma grande comissão que irá a Lisboa, junto do governo, apresentar as reclamações do concelho.

Será desta?...

□ □ □

A primavera envergonhada pela severa inverneira dos últimos dias, resolveu desdobrar o manto florido e veio até nós risonha e convidativa. E para arejar os trapos bolorentos da indumentaria, des-cemos à baixa movimentada e fomos parar à Avenida das Tílias.

A companheira, que usa ainda os cabelos à antiga, nem por sombra adivinhou o meu pensamento.

Lancei detida e significativamente os olhos por aquelas tílias, vítimas da inconsciência da tesoura municipal, e sorri. Sorri, e quem não há-de gargalhar até?!

A Moda—a triste escrava da ignorância e do capricho—caíra ali com toda a sua arrogância mutiladora.

O acaso fizera passar junto de nós dois cachacos barbeados e bastante másculos. Sorri novamente. A companheira objectou-me pelo meu sorriso e só tive tempo de dizer-lhe:

—Já viste as tílias... cortadas à «garçonne»?...

...Surgia agora um grupo de lindas tricanaças de fartos e anelados cabelos de oiro.

S. Mamede

Já a imprensa da nossa terra vai lançando a ideia da comemoração condigna da Batalha de São Mamede, a proposito da passagem do 8.º centenario de tão grandioso feito que iniciou a nossa vida de Nação independente. E é consolador constatar que, desta vez, tôdas as vozes se levantam em unisono para que em Guimarães, a exemplo do que se pensa fazer em Coimbra, tal comemoração atinja o maior brilhantismo, pelo seu alto significado patriótico.

Por mim, desejo que essa comemoração se faça, para que, como muito bem lembrou o sr. dr. Fidelino de Figueiredo, em *A Voz*, se celebre devidamente o nascimento de Portugal no burgozinho vimaranense.

E se me consola ver que, desta vez, a imprensa de Guimarães se levanta *una voce* a defender tão bela iniciativa, é porque já de uma vez, em 1925, Coimbra comemorou o oitavo centenario da data em que D. Afonso Henriques foi armado cavaleiro na Catedral de Zamora, sem que tal comemoração interessasse à maioria da nossa imprensa e da gente da nossa terra.

Se a memoria me não falha, e sem que isso constitua para mim motivo de vangloria, apenas o humilde autor destas despreziosas regras, lembrou, em 2 artigos publicados nos n.ºs 27 e 30 dos *Eclos de Guimarães*, de 27 de Junho e 11 de Julho desse ano de 1925, que em Guimarães se fizesse *alguma coisa* em comemoração desse centenario.

E, no primeiro desses artigos, rematavamos assim o nosso alvitre: — *Impõe-se, portanto, que, no programa, — falava-se em ligar esta comemoração ao programa das Gualterianas, — seja êle qual fôr, figure a homenagem ao nosso primeiro Rei. E' o nosso dever de filhos da Terra que foi berço de D. Afonso Henriques e da nossa Nacionalidade que no-lo impõe. Saibamos cumprir-lo. E que em Agosto proximo essa comemoração seja um facto grandioso que nos honre, nos orgulhe e nos dignifique.*

Foi tudo letra morta. A comemoração não se fez na nossa terra mas Coimbra realizou-a. Deus queira que, desta vez, não suceda coisa identica. Que a lembrança frutifique, tanto mais que se trata não já da comemoração de um facto passado em Zamora, mas de um facto passado junto dos muros do nosso Castelo, e, portanto, na nossa Terra. Vamos a ver se agora, no proximo ano de 1928, essa comemoração será um facto grandioso que nos honre, nos orgulhe e nos dignifique.

VILAFLOR.

Este número do Pró Vimarane, foi visado pela Comissão de Censura.

Guimarães progride

A entrevista que publicamos no nosso último número, mereceu de toda a gente os mais variados comentarios. De facto, o assunto é de palpitante interesse para aqueles que vêem com máguia o progresso de carangueijo que se observa nesta terra. Logo, as declarações do presidente do municipio que nos mostraram um grande plano de melhoramentos citadinos, veio provocar, como acima dizemos os mais desencontrados comentarios.

Pela nossa parte também queremos contribuir para que desse plano saia uma obra completa e que agrade a todos vimaranenses.

Sua Ex.ª o sr. capitão Duarte Fraga, e com êle toda a Comissão Administrativa, não quer por certo fechar-se dentro do seu plano, e não ouvir aquelas opiniões que o podem melhorar.

A este lugar que ocupamos na imprensa de Guimarães, chegam as *vôzes* de todos os vimaranenses, ouvimos-lhes as suas opiniões, sentimos-lhes os seus aplausos e prescramos-lhes os seus desgostos. Desta tribuna onde nos instalamos, transmitimos a opinião pública desta terra, interpretamos-lhe o seu sentir. Nesta conformidade, vamos falar, dizer da nossa justiça sobre os melhoramentos que a Comissão Administrativa da Camara Municipal, tenciona levar a cabo, e que já transmitiu ao público por intermédio do PRO VIMARANE.

Sem mais delongas vamos já direitos ao ponto principal e que nos levou a traçar estas linhas.

Trata-se da mudança do chafariz do Carmo para o Toural.

Não é sem o nosso mais veemente protesto que essa mudança se fará.

Não concordamos e con-

nosco não concorda a maioria da população consciente da nossa terra, por muitos motivos. O jardim do Carmo, é em si um jardim monoto, já pela sua solidão, já pelo seu pesado arvoredado. A única nota alegre que contém é sem dúvida o seu chafariz. Tirando-o e colocando lá um monumento aos mortos da Guerra, calculem V. Ex.ªs como ficaria aquele jardim — um cemiterio.

A elegancia que ostenta o mesmo chafariz no local em que hoje está, quer-nos parecer que a perderia, sendo transportado para um terreno plano.

Mas há mais — o que não é menos importante — é que no momento em que tôdas as cidades estão a ampliar as suas artérias, facilitando a viação; no momento em que tôdas as cidades — aquelas que os não tem — procuram a custo de todos os sacrificios largos amplos, praças larguissimas, vamos nós colocar no centro da cidade, no ponto do seu maior movimento, um chafariz.

Não, não está certo. O chafariz não tem melhor local para ser colocado, do que aquele onde está.

Nem mesmo o argumento de que é a tradição que o obriga a mudar, nos convence. Porque se a tradição obriga a mudar o chafariz, a mesma tradição obriga a reconstruir a fonte dos passarinhos, a capela de S. Sebastião ou o Convento do Anjo, a mudar a estatua do fundador e trazer a praça do peixe para S. Francisco.

E' isto o que entendemos dever dizer à C. A. da Camara para que pondere, para que reflita, e não toque no chafariz que está ali muito bem. Iluminem aquele largo que é do que êle precisa, não o queiram tornar mais funerio. Deem-lhe vida não o matem.

Por hoje basta.

que nele encontrarão a par de uma boa meza, umas instalações higiênicas.

Atendendo à competência e experiência do seu proprietário, é de esperar que o novo hotel tenha um futuro próspero, o que é o nosso desejo.

Damos os parabens ao sr. Paulino Ferreira, pela sua iniciativa.

Construindo

Do editorial do "Seculo", de 20 de Março passano, intitulado "Caminheiros", respigamos com a devida cortezia o seguinte trecho, que encerra doutrina com a qual concordamos absolutamente:

«Todo o português medianamente culto é, pelo menos, tam culto como qualquer cidadão espanhol, francês ou inglês da sua igualha. Não possui, nem menos intelligência, nem menos qualidades de adaptação, nem menos poder de assimilar e de aprender que qualquer outro habitante da Europa. Tem, além disso, na grande, na esmagadora maioria dos casos, mais vivacidade, mais argúcia, mais facilidade em aprender o que lhe ensinam do que muitos outros cidadãos europeus. E, todavia, enquanto os outros vivem em plena civilização, *sendo gente a valer*, os portugueses vegetam numa semi-barbarie, que pouco os eleva acima daquela classificação de *gado humano* que se dá aos povos selvagens. Os habitantes da Europa têm estradas e nós não as temos. Têm ótimos caminhos de ferro, que nós não possuímos. Têm telefones a transportar-lhes a voz da mais humilde das aldeias à mais bela das capitais, enquanto nós nem sequer temos satisfatoriamente ligados entre si, por linhas telefônicas perfectas, Lisboa e Porto! Têm a telegrafia sem fios, essa maravilha dos tempos de hoje, que faz com que se cruzem no espaço as manifestações espirituais de todo o mundo culto, enquanto entre nós nem sequer existe uma única estação transmissora! Têm hygiene pública, serviços de assistência modelares, obras de protecção à infância e de amparo à velhice, tudo, enfim, quanto a alma humana tem sabido criar para tornar a vida melhor e mais perfeita. Olhemos agora para Portugal. De tudo isso, o que há por cá? Nada, ou quando muito simulacros grosseiros, hipóteses entre-vagas das organizações sociais, das obras civilizadoras, dos organismos propulsores do progresso, que são, por êsse mundo, autênticas banalidades! Para, em pleno século XX, vivermos nesta penúria de civilização, que faz com que sejamos europeus apenas por vestirmos a europeia, há de por força ter sido praticado neste país um grande crime. Qual? O de não nos darem cultura nem meios poderosos de civilização e de progresso, ao mesmo tempo que tudo isso era fornecido sem conta, peso nem medida aos outros habitantes do velho continente europeu. E quem praticou êsse crime sem perdão? Os políticos! A raça vil e danada dos políticos dêste país, para quem o supremo ideal se circunscreveu sempre num orçamento bem farto, onde as clientelas impávidas pudessem saciar a vontade os seus apetites!»

Juízo Criminal

O Meretíssimo Juíz da Comarca e a Comissão Administrativa da Câmara andam empenhados em conseguir a criação em Guimarães de um tribunal especial, destinado a julgar exclusivamente os processos criminaes e de transgressões.

A pretensão parece-nos justa e a ela damos todo o nosso aplauso, por estarmos convencidos de que corresponde efectivamente a uma necessidade imperiosa.

Nesta comarca, hoje de tão poucos rendimentos, o trabalho dos magistrados e dos officiais de Justiça tem sido enorme, sem que lhe correspondam ganhos proporcionados.

O número de processos crimes e de transgressões atinge uma cifra elevadíssima. No ano findo foram distribuidos nada menos de 849 processos por delictos e contravenções, e nada indica que este ano a distribuição seja inferior. Pelo contrário, o estudo das condições económicas e sociais do meio em que vivemos levam-nos à desoladora mas certa convicção de que a tendência para o crime tende a aumentar, dada a insuficiência dos meios de vida, a crise económica que a indústria e o comércio atravessam e a crise moral que caracteriza a época que vai correndo. E não devemos esquecer que Guimarães é uma terra sem polícia, em que os cidadãos pacíficos estão abandonados inteiramente aos seus instintos, procedendo como lhes dá na rial gana e como quem se julga seguro da impunidade.

O Governo não deixará, certamente, de atender a proposta do Meretíssimo Juíz e a representação camarária. A não ser que...

... A não ser que Guimarães continue a sofrer as consequências da *mala gata* que há tempos a persegue...

Portugal é um céu aberto,
Portugal é um paraíso;
Só lhe faltam duas coisas,
Que são: dinheiro e juízo!

Eugénio de Castro.

09 de Abril

1918 - 1927

O baixo e pantanoso solo do «Lys», semeado de logarejos e riscado de trincheiras e travezes, num emaranhado confuso de farpas de arame, há meses que suportava as tropas de Portugal, que numa resistência aniquiladora, venciam os dias, atentas e vigilantes, sobre o lodo revolvido pelas granadas inimigas.

Os aguaceiros dos últimos dias e o bombardeamento lento e intermitente da véspera, denunciaram-lhes uma preparação inimiga. Esperavam a cada momento a hora decisiva do assalto e na madrugada sinistra daquele dia, sob um nevoeiro espesso que tornava difícil a visão a umas dezenas de metros, desencadeia-se um fogo intensíssimo sobre toda a frente de «Bethune a Armentières».

O tiroteio era formidável e o ribombo do canhão ecoa ininterruptamente toldando o espaço de grossos novelos de fumo. A atmosfera plumbea e impenetrável tomava um tom avermelhado com reflexos ténues e difusos. O matraquear das metralhadoras numa continuidade sôfrega e mortífera, espalha a confusão nas nossas linhas e, a coberto do nevoeiro, a avalanche inimiga atravessa a «terra de ninguém», penetra nas trincheiras e toina, num assalto rápido, as nossas 1.ª linhas, sob a protecção daquele bombardeamento formidável.

A surpresa, envolvida numa tam assombrosa massa de fogo, fez submergir toda a nossa 1.ª linha não dando tempo a resistir ao assalto dos alemães.

Era a primeira vez que os soldados de Portugal se viam envolvidos numa tam grande batalha, enfraquecidos e esgotados já por tantos meses de frente, esmagados por aquele bombardeio intensíssimo naquelas quatro longas horas de ferro em brasa...

Mas há episódios heróicos de bravura na nossa Malta. As baionetas cruzam-se, os corpos chocam-se e a Bandeira das Quinas por vezes domina como outrora.

Manhã alta e os nossos serranos suportam ainda aquela massa férrea e tenebrosa. As unidades inimigas sucedem-se atacando furiosamente os flancos e o centro, apoderando-se das nossas 2.ª e 3.ª linhas. As linhas A e B, guarnecidas por valorosos soldados do 20 de Guimarães, que a cada momento repetiam as suas façanhas de guerra, estavam totalmente desbaratadas, tendo-se o inimigo apoderado de «Levantie».

O boche felino e arremetido, procurava a todo o custo aniquilar os nossos homens e penetrava pela ligação do sector português, espraçando-se em leque por «Fauquissart», procurando rápido alcançar o canal do «Lys» enquanto que a Malta cinzenta, lá adiante, tomava de assalto «S. Vaast e Lacouture» e tantos outros pontos fazendo prodígios de heroicidade para as linhas de reserva.

Que amarguradas horas a Malta minhota suportava sob aquele intenso e fragoroso bombardeamento, defrontando-se com tam esmagadora avalanche inimiga!

Como em Aljubarrota, eram os seus continuadores!...

As horas do bombardeamento sucediam-se ainda numa angústia cruel pela contínua trovoadas das metralhadoras. A fusilaria intensa, numa vibração rápida e crepitante, fazia-se ouvir bem através do troar da artilharia. Uma tempestade de metralha acoitava a Malta por todos os lados, mas o soldado minhoto, esqualido e de bom humor, arrancava ainda do seu patriotismo as últimas reservas da sua energia, resistindo até à última.

Tornava-se impossível cada vez mais e mais resistir, recuperando as posições. Os parapeitos das «trinchas», totalmente desmantelados, eram facilmente substituídos por montões de cadáveres, e o inimigo, senhor já das linhas de reserva, bombardeava, furioso, aquelas posições, aprisionando-as e sepultando-as nas covas profundas, abertas pelos morteiros e granadas, logo cobertas por outras granadas que ao lado caíam fazendo desaparecer os cadáveres na terra revolvida.

Uma granada que rebenta no parapeito duma trincheira quasi deixa soterraço o alferes Januário do velho e heróico regimento de Guimarães, que milagrosamente pode safar-se com o auxílio dum soldado.

As comunicações tornam-se impossíveis e a barragem é insistente. A sucessão dos rasgos heróicos da gente do Minho, da vossa Terra, não compensa a fúria devastadora do inimigo e a força subjuga-os.

E quem poderá resistir a tam colossal exército inimigo?

As baionetas boches aparecem já à entrada dos abrigos.

«Herans! Herans! Prisonnier!»

E as sete divisões em 1.ª linha e cinco de apoio a subjugarem as estenuadas três divisões de 1.ª linha do nosso glorioso Exército de Portugal!

Glorioso, sim!...

Se a Batalha sangrenta do Lys em 9 de Abril não deu aos aliados os louros da Vitória, trouxe pelo menos a Portugal a Glória de Raça de Invencíveis.

A herança dos seus antepassados está bem representada na scintilante Cruz de Guerra que ostentam honrosamente em seu peito, como agradecimento da sua Pátria, pela «Cruz da Flandres» para engrandecimento da Bandeira das Quinas.

Ao Exército Português!

A Heróica Brigada do Minho! Aos destemidos combatentes do 20 de Guimarães!

ARSENIO.

Da frente de «Newala»
Abril de 1927.

A Polícia

A cidade continua à mercê do primeiro meliante que a escolha para teatro das suas operações.

Sem um serviço de policia organizado, não admira que seja escolhida pelos criminosos de profissão.

Há dias num estabelecimento da cidade, dois tranquilos cavalheiros de indústria, penetraram por meio de arrombamento, tendo feito um roubo de objectos de ouro no valor de vinte e cinco contos.

Deviam ter trabalhado com a certeza plena de que não seriam incomodados.

Ora isto não pode continuar assim. A organização do corpo de policia, impõe-se como uma necessidade inadiável.

A deslocar-se a Lisboa uma comissão desta terra, como parece irá acontecer, essa mesma comissão deve tratar este assunto com o sr. Ministro do Interior.

E' uma vergonha protelar por mais tempo a solução deste problema, que ha muito devia estar resolvido. Não se trata de uma aldeia de Paio Pires. Guimarães tem que se civilizar. Tem que ocupar entre as cidades portuguesas, aquele lugar que lhe compete.

Para isso lutaremos sempre.

Congresso Eucarístico

Continuam activamente os preparativos para o Congresso Eucarístico, a grandiosa manifestação de fé a que Guimarães vai assistir no próximo mês de Junho e que vai por certo ficar para sempre gravada na memória daqueles que a ela assistirem.

Já se encontram bastantes oradores inscritos.

A Comissão de Meios que vem trabalhando no conseguimento de dinheiro — pois que muito é preciso — tem sido bem recebida. Nem outra coisa era de esperar do bairrismo e fidalguia da gente de Guimarães.

Julgamos que todos os vimaranenses, absolutamente todos, saibam corresponder ao apêlo dos organizadores do Congresso Eucarístico, para que este se revista daquela imponência, que precisa ter, para honra da nossa terra.

DA LITERATURA DO SPORT

NOVELA

A VINGANÇA DE HELENA

II

A manhã apareceu sombria e, às primeiras horas, umas gotas de orvalho começaram a cair burrifando os caminhos. As aves chilreavam alegremente as suas canções, cujas notas penetravam fundo no meu espirito como a animá-lo para a vida, fazendo-me esquecer as agruras e os reveses que esta sempre tem. Olhei, então, em volta de mim: interroguei-me, receoso, ao lembrar-me das últimas palavras desesperadas de Helena, repetindo-as o meu pensamento, em religioso respeito, pensando no seu martírio, na sua dor, no seu sofrimento... Quando cheguei à porta de minha casa, passavam já as primeiras leiteiras para a baixa; e, à porta da velha igreja, grupos de mulheres conversavam, em voz baixa, sobre as missões franciscanas que se vinham fazendo com toda a piedade cristã, chamando a minha atenção curiosa o ar alegre e fresco dos seus rostos tranquilos, iluminados de amor divino, que cheguei a desejar para mim a fé daquelas pobres mulheres, cujas almas simples eram cheias de misticismo e de crença num Deus a quem adoram e cferem as suas dores pela bondade una de Jesus-Cristo.

Ao entrar no meu quarto a primeira coisa que fiz foi ver-me ao espelho: recuei, sobressaltado! Pálido, os olhos muito pizados e os lábios sem cor, parecia-me ver um cadáver que houvesse ressuscitado para, como uma visão sinistra, me abraçar o corpo gelado, sem alma e sem vida. Tremi de espanto e de medo por mim próprio, horrorisando-me a máscara do meu rosto. Deixei-me, então, cair sobre a cama, abandonado de forças e de coragem.

Senti que os olhos se me fechavam e o meu corpo, envolvido num cobertor de lã, foi adormecendo, lento e cansado desta noite.

Vejo nos meus sonhos a alma de Helena, chorosa e triste, alheia ao precipício que lhe preparam tam cruelmente; e quando só nela cantam o amor e a vida por um homem que se diz amante do seu coração formoso, este abandona-a tam misteriosamente e, assim, esquece os laços sagrados que unem duas almas, comprometendo a honra de um pai e o futuro de duas jovens inocentes e puras como a alma das crianças.

III

Meio-dia. O sol, através dos vidros da janela, vem beijar-me, acariciador e meigo. Sinto o calor dos seus raios sobre o meu corpo. Abro a janela, porque tenho necessidade de respirar, adentro das quatro paredes, tantas vezes testemunhas íntimas do meu silêncio amargo, todo ele feito duma grande dor moral, o ar fresco e perfumado deste meio-dia de Maio engrinaldo de rosas. Sentei-me na borda da cama. Um calor intenso abrasa-me a fronte e as pulsações são irregulares e agitadas. Passeio no meu quarto, experimentando a força dos nervos, não fosse eu cair doente quando iam indispensável eu era para salvar uma mulher, prometendo a mim mesmo antepôr-me aos acontecimentos que procuram perdê-la. Felizmente sentia ainda forças bastantes, arredando do pensamento a ideia de cair doente. Apenas uns leves arrepios que depressa desapareciam com uma chícara de café e um cálice de «cana». Estendi os braços languidamente e, quando ia para ler o jornal da manhã, vi uma carta encostada a um solitário de flores já secas, sobre uma mezinha de trabalho.

Era de Helena essa carta. Denunciava-o o perfume inebriante de violeta e a sua caligrafia, nervosa e incerta, ao correr do papel sem linhas, era feita de traços negros como a quererem marcar

a agitação terrível e dolorosa em que se encontrava o seu espirito. Dizia ela:

«D....»

Do que se passa entre nós escutado será eu lembrar o que deves fazer. Confio no teu carácter e na tua amizade. Deves ter reparado, como eu só depois reparei, que nos despedimos sem que eu te pedisse, como das mais vezes, para não nos faltares com a tua visita, porque receio que minha Mãe repare na tua ausência e para que Fernando não pergunte por ti desconfiado e maldosamente. Peço que acalmes o teu espirito, que eu farei o possível por aparentar serenidade. Sinto-me muitíssimo fatigada e os meus nervos passam por uma crise excitante. Não faltes, portanto, esta noite, e uma vez mais te peço toda a calma e te mostres a Fernando alheio a tudo o que se passa à volta de nós. Mesmo preciso de ti para me dares ânimo. Desta que é a tua amiguinha agradecida—HELENA.»

Ainda não tinha pensado, como seria natural, em visitar Helena. Desde que o pai se tinha ausentado, em missão gratuita de estudo no estrangeiro, costumava eu, por seu convite especial, fazer companhia a sua família que, tendo todas as atenções para com outras pessoas das suas relações, me distinguia com as melhores deferências. Fernando, esse, era uma visita mais particular: era o pretendente à mão de Helena com consentimento de seu pai. Por isso também ele frequentava as reuniões íntimas, e não era já reparada a sua entrada ou saída, mesmo tarde, porque às vezes as reuniões decorriam alegres e às horas passavam velozes.

Helena, sempre boa e generosa, não faltava nunca às mais pequeninas coisas; e os mais insignificantes defeitos reparava-os ela com um dito gracioso e alegre. Lembrando-se de que eu seria capaz de me contrair ferido com as suas palavras, ou receando, talvez, que Fernando, provocado por mim, viesse a saber do que se passava, apressou-se a escrever-me, mal tendo tempo para descansar o seu corpo e sossegar o coração. Pobre Helena! Tranquiliza o teu espirito, que essa loucura jamais a praticarei. Seria atirar por terra com todos os planos que supponho seguros para a descoberta da traição hedionda, do crime infame dum homem que tem a audácia de ir ainda a tua casa... Deus, Helena, é bom e velará por ti, não permitindo, que sobre a tua cabeça caia o labéu da desonra!

Continua.

JORGE DE AZURÉM.

*** **

MINIATURAS

OS NINHOS

Se há coisas que me consigam enternecer, uma dessas são os ninhos que a passarada chilreante constrói por entre o arvored—quais lares furtivos—ocultos, bem ocultos da maldade e da má educação humanas.

Nem assim, porém, conseguem escapar, e é de ver às vezes com que requintes selvagens se despedaça aquilo que as pobres avesinhas tanto labor, tanta canseira custaram.

E no entanto, um ninho é uma lição, um ninho é um exemplo. Lição de amor, de dedicação; exemplo de trabalho e de sacrif—

UM ALVITRE

A. Desport. Vimaranense

Há quem pressinta na marcha actual do gôsto desportivo, um retôrno à violência, aos espectáculos cruentos que faziam as delícias do patriciado e da multidão romanos. Essas previsões, porém, não parecem bem baseadas: o gôsto do público divide-se entre uma infinidade de gêneros e cada desporto conta, actualmente, numerosa plateia. O foot-ball, jôgo de astúcia e rapidez, extremamente técnico, está colocado entre os mais divulgados e queridos em todos os países, valendo notar que, embora oriundo dos anglo-saxões, tem actualmente mais desenvolvimento e mais perfeito cultivo entre os latinos da América do Sul. O «tenis», as corridas a pé, de velocidade e resistência, encontram nos europeus e americanos do norte, apaixonados partidários; o ciclismo empolga os franceses e os desportos nauticos vigoram e esplendem em todo o mundo civilizado.

O extraordinário fraccionamento do gôsto público não permite a previsão de um retôrno aos desportos bárbaros da era neroneana. Afigura-se, antes, que predominam os jogos técnicos por excelência, dependentes mais da inteligência e destreza do que da força e da ferocidade.

Se assim é, acordai vimaranenses. Não vêdes que dia a dia, em todas as principais cidades do país, e em todos os países, vai tomando corpo, avolumando-se extraordinariamente a exigência do ensino da educação física nas escolas e fora delas? Não sabeis que a par do seu valor educativo, sob o pon-

clo, num tempo em que parece realmente serem só os animais quem sabem ainda ter em conta estas qualidades, consideradas hoje meras, inúteis frioleiras.

Pobres aves! Deu-lhes Deus com a vida a liberdade. Deu-lhes inteligência, graça e engenho para fabricarem os seus ninhos de amor—lares humildes e pobres em que criassem a próle.

Sómente não se lembrou Deus de que ha muitas vezes uma fera adormecida dentro do coração humano.

E porque a ha, é que não se compreende como ainda hoje, em plena civilização, exista quem se entretenha a destruir, só pelo prazer de destruir, só por tacanhô espirito de malvadez.

E contudo, aves do ceu!, sois mais felizes que nós. Ao passo que somos obrigados a chafurdar neste monturo sócial, simulando viver, vós tendes o infinito azul para voar!

RUY DE LANCASTRE.

to de vista moral e social, há a considerá-la como elemento revigorador da raça, valorizando o homem em todos os campos da actividade?

Não tem Guimarães, grandes e verdadeiros sportmans, por exemplo, Alberto Costa, António Costa e Alberto Teixeira Carneiro agarrados aos seus volantes; Luís Carlos Marques, em bicyclette; Bento Ferreira, numa corrida de resistência; Manuel Soares Moreira Guimarães, nuns 90 kg. *anraché*; Almério Ferra, Rodrigo Teixeira e Margarides em fogosos cavalos; José Manuel Leite de Castro em ténis; Oscar Pires, em patinagem e bons jogadores de foot-ball depois de preparados?

Tem Guimarães mais recursos que Braga, podendo ser olhada com interêsse pelos governos do país, como sucedeu agora ao Sporting desta última cidade, em que o último «Diário do Governo» publicava o seguinte: «Tendo em atenção os serviços que o S. C. B., sociedade desportiva com existência legal, vem prestando, desenvolvendo no distrito de Braga a prática dos exercícos físicos, de que resulta manifesto proveito para o avigoramento da raça; considerando que ao Governo cabe auxiliar tais iniciativas, e que assim se tem procedido em sociedades congêneras: manda o Governo da República Portuguesa, pelo ministro do Interior, que a sociedade denominada Sporting Club de Braga seja considerada de utilidade pública»

Abandonemos, pois, a inercia, a indolência, a preguiça, o sono—e mãos à obra. Vamos fazer saber de Norte a Sul, que Guimarães dentro em pouco, vai educar fisicamente os seus compatriotas. Para isso basta que uma comissão composta dos ex.^{mos} srs. Duarte Ferrari de G. S. Fraga, dr. Augusto Gomes de Castro F. da Cunha, Alberto Costa, António Costa, Alberto Teixeira Carneiro, Almério Ferra, José Manuel Leite de Castro, Oscar Pires, Heitor da Silva Campos, Eduardo Passos, Mário Cunha de Almeida Ferreira e Simão da Costa Guimarães, se proponham organizar a Associação Desportiva Vimaranense.

LUAR.

Campeonato

Informa-nos o Vitória Sport Club de que o seu *team* infantil conquistou esta época o título de Campeão Distrital, classificação esta que já foi homologada pela Associação respectiva.

Os nossos parabens ao Club local.